

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 40\$00 — Estrangeiro 80\$00

ANO XXV — N.º 476 — Melgaço, 1 de Julho de 1971

Tip. Augusto Costa & C.a, Lda - Telex - 22455 - Braga

POR AMOR À VERDADE

AS palavras que se seguem não queremos que sejam interpretadas nem o podem ser como polémica com a Autoridade ou como desrespeitosas para qualquer pessoa. Escrevem-se tão só por amor à verdade objectiva e subjectiva, que se nos impõe em consciência, imposição, que resulta do direito natural e das normas positivas da Santa Sé, sobretudo «Inter Mirífica», «Communio et Progressio», «Decreto sobre a Liberdade Religiosa», e as últimas Normas da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé.

«Communio et Progressio» exige: a) opinião pública no seio da Igreja; b) acesso às informações de tudo o que diga respeito à vida da Igreja; c) a Autoridade religiosa é obrigada a dar respostas a todas as perguntas que se lhe façam sobre a vida da Igreja; d) para a realização desse objectivo haverá um porta-voz oficial da Igreja em cada Diocese, um Secretariado encarregado de manter o fluxo e refluxo dessas perguntas e respostas; e) organismos encarregados de dar informações concretas e sérias sobre toda a vida da Igreja. Em resumo: a imprensa, nela incluindo a da Igreja, torna-se a arena onde fiéis e Autoridade Religiosa fazem perguntas e dão respostas sobre todos os problemas que interessem à vida da mesma tal como acontece na esfera civil, através das conferências de imprensa e «Conversas em família», por exemplo.

Se esta é a norma da Igreja, se temos o direito de tomar parte no foro do diálogo e a Autoridade é obrigada a responder-nos, vamos fazer os nossos legítimos comentários, e sobre eles incidirão as perguntas de que esperamos obter resposta.

● Comentários e perguntas

O Boletim Arquidiocesano «Acção Católica» em seu último número, insere uma «notificação» para o Director de «A Voz de Melgaço» em que se exige seja retirado do frontespício do jornal o título de «católico».

Como a exigência é feita na imprensa, sem dúvida, como escreve o teólogo Rahner ao Cardeal de Colónia, em réplica puramente dogmática, é-me reconhecido o direito de responder também na imprensa. Mesmo que não existissem as normas da «Communio et Progressio» que me obrigam a fazer perguntas e à Autoridade a dar-me as respostas completas e objectivas, este exemplo de Rahner frente ao Cardeal de Colónia é um estímulo e um exemplo salutar: um Cardeal e um Teólogo confrontam na imprensa os seus pontos de vista, aliás em parte divergentes sobre temas dogmáticos e fazem-no porque o confronto e a discussão é o que mais concorre para a união e o amor entre os homens (cf. «Communio et Progressio», n.º 19).

Aliás é o processo vulgarizado hoje em toda a Igreja católica.

A «Notificação» carece de fundamento teológico e jurídico. Lê-se no Decreto do Concílio Vaticano II «Inter Mirífica», também citado na «Notificação»: «Há que fomentar antes de mais a boa imprensa. Ora, para imbuir plenamente de espírito cristão os leitores, deve criar-se e difundir-se uma imprensa genuinamente católica — quer por parte da própria Hierarquia católica quer promovida por homens católicos e dependente deles — editada com a intenção de informar, afirmar e promover uma opinião pública em consonância com o direito natural e com as doutrinas e preceitos católicos, ao mesmo tempo relacionados com a vida da Igreja».

Primeira conclusão do Magistério e da Hierarquia: há «uma boa imprensa», «genuinamente católica», «promovida por homens católicos» e só «dependente deles».

Este é o nosso caso, como já o afirmamos com clareza. Primeira pergunta: se «A Voz de Melgaço» é de católicos e só deles depende, não da Hierarquia, e a Igreja a tem como «boa imprensa» e «genuinamente católica» com que direito se nos exige que tiremos do frontespício do jornal o título de «católico»?

Segundo comentário. O Bispo tem o direito e o dever de vigiar pela pureza do depósito da fé. Isto dá-lhe o direito e impõe-lhe o dever de intervir, mas sempre «a teor dos sagrados cânones» em comunhão com o Papa e sob a sua dependência e com a Hierarquia, e, portanto, Magistério da Igreja.

Ora os sagrados cânones têm normas precisas sobre esta intervenção e normas explícitas há da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé.

A vigilância é só acerca da pureza e exposição das verdades do Credo. Portanto, a vigilância, é só sobre doutrina dogmática.

(Continua na 4.ª página)

O Santo da Quinzena

S. Otão, Bispo

Pela Irmã
MARIA DOS ANJOS

Natural da Suábia, teve Otão pais piedosos que lhe deram uma educação muito sólida. As virtudes como os grandes talentos, fizeram-no merecedor da estima de todos, que com ele viviam. O imperador Henrique IV nomeou-o capelão de sua irmã Judite, esposa de Boleslau, duque da Polónia. Durante a estadia na Polónia aprendeu a língua daquele país. Judite morreu e Otão foi, pelo imperador, chamado ao cargo de secretário e, mais tarde, de chanceler da corte.

Tendo morrido o Bispo daquela Diocese, Otão foi nomeado Bispo, embora contra a sua vontade.

Um dos maiores cuidados foi aproximar a imperador do Papa e fazer terminar a luta entre esses dois poderes, temporal e espiritual. Com tanta habilidade soube agir, que não desmereceu a estima do soberano.

Além de muitas igrejas, construiu vinte e um conventos. Perguntado uma vez porque fazia tantos mosteiros, res-

(Continua na 4.ª página)

Doutor Carlos Nuno Salgado Vaz

Como noticiámos no último número do nosso jornal, doutorou-se em Teologia na Universidade Gregoriana, Roma, o padre Carlos Nuno Salgado Vaz.

Não demos, então a classificação obtida nem um documento do famoso teólogo, padre Chenu.

A lição doutoral foi dada no dia 26 de Maio, e a defesa da tese em 29 do mesmo mês.

O juri conferiu-lhe «suma cum laude», a maior classificação que a Universidade dá aos seus alunos.

A tese foi sobre a obra do famoso teólogo Chenu, o qual escreveu ao jovem Doutor a seguinte carta:

«Paris, 20 de Maio de 1971
Reverendo e Caro Padre

É costume não fazer teses de doutorado senão acerca de autores falecidos; na realidade, a morte fixa e objectiva no passado a experiência humana e o seu pensamento. Assim sendo, ao ler a tese que V. Rev.º dedicou às minhas obras teológicas fui levado a considerar a minha vida e a minha teologia como um objecto submetido à análise e à crítica, — ao mesmo tempo que à reverência concedida aos mortos!...

Esta impressão reconfortante apesar de alguma ambiguidade, teve pelo menos o mérito de me obrigar a repensar a minha teologia, a sua projecção, a sua construção para além duma subjectividade condicionada pelo meu temperamento e pelos condicionamentos momentâneos.

O meu testemunho é, portanto, o seguinte. A análise da minha obra foi feita com grande precisão à base de muitos documentos, não só das obras principais, mas até de minúsculas publicações de circunstância, cujo significado V. Rev.º aprendeu (por ex. p. 384, nota). Isso, porém, não iria além de fotografia. V. Rev.º surpreendeu de modo excelente as inspirações e a génese duma reflexão, humana e teológica, que provocava a vida da Igreja, segundo o que, hoje em dia, depois do Concílio, se chama «os sinais dos tempos». Ao ver a esta luz o seu trabalho, melhor me compreendi a mim mesmo.

Sobretudo, V. Rev.º manifestou com inteligente habilidade a unidade duma vida teológica, que, dum lado era alimentada pela história (a teologia da Idade Média), e, pelo outro, por uma actualidade imediata (a presença do Evangelho hoje em dia). Esta posição, ao parecer paradoxal, influencia de facto todo o meu itinerário, não só de actividade apostólica, mas de saber teológico. Aprecio vivamente a primeira parte da tese, que mostra como o meu trabalho se articula, histórica e teologicamente, não por concordância, nem por mero jogo de aplicação, mas por coerência do método histórico (não erudição positiva, mas inteligência do passado no presente e do método teológico, a partir duma história de «salvação» como agora se diz, após o Concílio). A história da salvação integra-se na historicidade do homem, pois o Verbo

(Continua na 4.ª página)

Carta do Ultramar

Na frente de combate

Mindumbe, 27-4-71

Queridos Melgacenses!

Amigo Padre Carlos!

Mais uma vez, convosco, nestas cartas em família.

Já há muito tempo que vos não escrevia. Esta vida é muito igual: dias doirados, dias cinzentos, os mesmos soldados, a mesma coisa no capim ou na picada.

Principiamos as operações em vários sectores; a nossa companhia já participou em duas operações. Pela primeira vez, saímos para muito longe, o meu grupo, o quarto e o terceiro. Fomos para o Cavanga, local assustador, assim considerado pela Companhia anterior. Nada vimos, senão aldeamentos vastos, copiosos de laranjas e limões, faustosos «llo tempore». Restos de habitações ainda demarcadas pelas estacas impecáveis do belo pau rosa, onde a matacanha ou outro insecto não consegue penetrar.

Círculos distformes rodeados por árvores imponentes, cajueiros e mangas.

Andamos e andamos, janelas

de barro já furadas e arcumidas pelo temporal violento, aqui na zona, algum invólucro já baço da simonou e pouco mais.

A chuva fez-nos companhia, a tardinha, cinco horas, panos de tenda e ponches às costas, embarca aqui, passa por ali, e lá vamos à procura do In, do terra.

É tarde, temos de parar. Uma clareira junto aos cajueiros e lá estacionamos. Segurança montada, uma sentinela por esquadra e a noite pode aproximar-se escura e longa, parece, aqui no mato, não mais terminar.

Mais leões que se aproximam, rosnando, querendo mostrar a sua valentia, ele que é o rei da selva, dos animais.

Alguns soldados, mais medrosos, olham para as árvores, tentando subir, logo mais tudo é silêncio. Há gente, há homens armados, e o leão passa pacato e calmo e não entra no círculo.

A noite passa finalmente e o dia aparece fresco e barulhento com os trinados alegres e variados da passarada e dá-nos os bons dias.

Mais uma lata de chocolate,

(Continua na 4.ª página)

Pelo Governo Civil

Deixou, a seu pedido, o cargo de Governador Civil do nosso distrito, o Sr. Dr. José Araújo Novo.

No passado dia 24, tomou posse no Ministério do Interior, do cargo de Governador Civil de Viana do Castelo, o Sr. Engenheiro Manuel Alarcão de Menezes Ferreira Bastos, a quem respeitosamente cumprimentamos, e desejamos a Sua Excelência as maiores felicidades.

Várias Notícias da Vila

Um Menino — Na sua residência, no passado dia 6, deu à luz um lindo menino, a nossa conterrânea, sr.^a D. Maria Higinha Baleixo Peres, esposa do sr. José Domingues Peres, funcionário da Empresa Auto Viação Melgaço, L.da.
Ao recém nascido, desejamos muitas felicidades e a seus pais os nossos parabéns.

Engenheiro António Manuel Pires — Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo, sr. Engenheiro António Manuel Pires, residentes em Matosinhos.
Os nossos cumprimentos.

Antonino José Gonçalves — Em viagem por Espanha e França, passou por esta vila, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Antonino José Gonçalves, conceituado comerciante em Lisboa.
Os nossos cumprimentos.

Manuel Augusto Lopes — Tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso estimado assinante e conterrâneo, sr. Manuel Augusto Lopes, escrivão do Tribunal da Comarca de Viana do Castelo.
Os nossos cumprimentos.

António Pires — Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Mirandolina Rodrigues Pires, esteve nesta vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António Pires, residentes em Matosinhos.
Os nossos cumprimentos.

Alfredo Rodrigues Rego — De visita à sua família, esteve entre nós, o nosso conterrâneo, sr. Alfredo Rodrigues Rego (chefe de vendas) da «Fiat Portuguesa», aposentado, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Helena Bastos Rego, residentes no Porto.
Os nossos cumprimentos.

Manuel José Gonçalves — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel José Gonçalves, escrivão de 1.^a Classe do Tribunal da Comarca de Viana do Castelo.
Os nossos cumprimentos.

Festa de Nossa Senhora da Graça — Na freguesia de BADIM, concelho de Monção, realizou-se no passado dia 30, a festividade em honra de Nossa Senhora da Graça, que constou do seguinte programa:

Às 11 horas, missa solene a grande instrumental, com pregação pelo Rev. Sr. P.^o Manuel da Torre, da freguesia de Valadares, do mesmo concelho, seguida de uma lúrida procissão, que percorreu o itinerário do costume.

Abrihantaram estes festejos a Banda de Música de Riba de Mouro e a Cabine Sonora «Caldas Vilarinho» de Tangil, também do concelho de Monção.
Parabéns à Comissão.

Aniversários — No passado dia 31, festejou o seu aniversário natalício, a nossa conterrânea, sr.^a D. Maria Aurélia Rodrigues Alves, esposa do nosso estimado assinante, sr. João Alves, proprietário da «Pensão Internacional» desta vila.

— No dia 21 p. p., também festejou o seu aniversário, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Mâncio Alves de Melo, que teve a gentileza de oferecer em sua casa, um almoço a vários seus amigos e familiares.
Por tal motivo, desejamos a ambos os aniversariantes, muitas felicidades e os nossos parabéns.

Ambrósio de Sousa Lobato — De visita, esteve nesta vila, durante alguns dias, o nosso conterrâneo, sr. Ambrósio de Sousa Lobato, funcionário da Alfândega do Porto.
Os nossos cumprimentos.

D. José Soares — Tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso amigo e pessoa muito considerada, sr. D. José Soares, dig.^{mo} Inspector da Polícia em Orense (Espanha).
Os nossos cumprimentos.

Luís João Alves — Acompanhado de sua mãe, sr.^a D. Gracinda Alves, nossa estimada assinante, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo, sr. Luís João Alves, residentes em Lisboa.
Os nossos cumprimentos.

José da Conceição Silva — Acompanhado de sua Ex.^{ma} esposa, sr.^a D. Florentina da Silva (TINA), tivemos o prazer de ver nesta vila, o sr. José da Conceição Silva, funcionário das Companhias Reunidas — Gás e Electricidade, em Lisboa, que visitaram, S. Bento do Cando, Senhora da Peneda, Castro Laboreiro e Santa Rita na freguesia de Rouças, apreciando assim as belezas da nossa terra.
Aos srs. visitantes, apresentamos os nossos cumprimentos.

Dr. Alpidio Gonçalves — Acompanhado de sua Ex.^{ma} esposa, sr.^a Professora D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves e filhos, tivemos o prazer de ver entre nós, de visita à sua família, o nosso conterrâneo e

estimado assinante, sr. Dr. Alpidio Gonçalves, Notário e Sub-Delegado do Procurador da República em Ponte da Barca.
Os nossos cumprimentos.

Domingos Montes da Silva — De visita à sua família, esteve nesta vila, o sr. Domingos Montes da Silva, funcionário da «Mobil» na cidade do Porto, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Odete da Rocha Lima e filhos.
Os nossos cumprimentos.

António Ribeiro — Tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso conterrâneo e colaborador, sr. António Ribeiro, Escrivão de 1.^a Classe do Tribunal do Trabalho em Vila Nova de Famalicão.
Os nossos cumprimentos.

José Narciso Esteves — Em gozo de merecida licença, encontra-se entre nós, o nosso conterrâneo, sr. José Narciso Esteves, que actualmente presta serviço militar, na nossa provincia ultramarina da Guiné.
Os nossos cumprimentos.

Joaquim José Domingues — De visita à Família Meleiro da Casa de Golães — Paderne, encontra-se entre nós, o nosso ilustre José Domingues, abastado proprietário e capitalista na cidade de Niteroi (Brasil).
Ao sr. Joaquim Domingues, que na nossa terra é muito considerado, apresentamos os nossos cumprimentos.

— Também daquela cidade, após ter passado uma temporada de visita aos seus familiares, chegou o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António Meleiro, da Casa de Golães — Paderne.
Os nossos cumprimentos.

Foto CALDAS
TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

- Em MELGAÇO — Casa José Maria Pezeira
- Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
- Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Sociedade

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR



Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Aniversários

Fazem anos — Amanhã: Fernando Domingues Trancoso e João Hilário Alves Gonçalves; Dia 3: D. Maria de Lurdes Fernandes Durães e José António de Araújo Gonçalves; Dia 4: Germano Henrique Alves Carabel; Dia 5: Francisco Augusto Esteves; Dia 7: José Augusto Ribeiro Júnior; Dia 8: Armando Miguel de Carvalho; Dia 9: D. Maria Julieta dos Santos Lima Las Casas e Ricardo de Sousa Lobato; Dia 10: D. Isabel Maria Domingues Costa; Dia 11: Padre Justino Afonso e D. Isabel Guerreiro Gonçalves; Dia 12: António Paulo Domingues; Dia 13: D. Flávia Maria Calheiros Gonçalves e Filinto Elisio Gomes Pinheiro de Almeida; Dia 15: a menina Georgina Dantas da Costa Afonso.

Carro de Aluguer

Crysler GE-33-95 — 6 lugares
AUTO TAXI

ZECA DA PUREZA, L.^{da}
de José António de Araújo

Carro próprio para casamentos, baptizados e todos os serviços comerciais e turismo no País e legalizado para o estrangeiro.

Residência:

Bouça Nova-PRADO-Tel. 42390

Estacionamento permanente Cruzamento da Loja Nova

MELGAÇO

Assine, Anuncie e Propague

“A Voz de Melgaço,,

CUPROSAN-SUPER AZUL

FUNGICIDA ORGANO-CÚPRICO (com 37,5% de cobre) (maior percentagem que o próprio sulfato). O produto que não tem similares. Ideal para as sulfatações após a limpa (purga).
Procure-o no seu vendedor habitual.

Distribuidor no concelho de Melgaço:

Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Dr. Ismael da Trindade

ADVOCADO

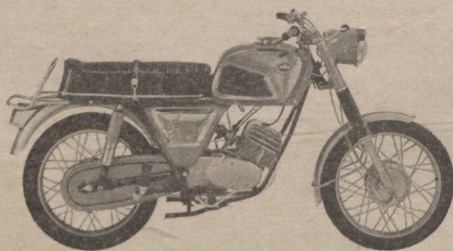
Mudou o seu Escritório para o Palácio da Justiça (REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

OS CICLOMOTORES K T M

Vão à frente!!!



Agente em MELGAÇO:

MANUEL DA CUNHA DIAS

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOCADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

CONVERSANDO

(À saída da missa)

(Atrazada na Redacção)

— O compadre, conte-me lá como foi aquilo da Conferência da N.A.T.O. em Lisboa. Ouvi dizer que a coisa meteu muita gente importante, centenas de jornalistas estrangeiros, e não sei que mais... Ouvi mesmo dizer que aquilo até meteu bronca! Gostava que o compadre me explicasse o que se passou!

— Todos os anos, pela Primavera, costuma a N.A.T.O. realizar um Conselho a nível ministerial: um ano aqui, outro ano ali, esta foi a segunda vez que tocou a Lisboa ser cenário da Conferência. Tradicionalmente hospitalieiros como nós somos, até nos demos ao luxo de mandar arranjar o Palácio da Ajuda, de forma a que os nossos hóspedes pudessem ser recebidos condignamente.

— Lá cair para trás não usamos nós, compadre!...

— Calate lá, que tu em tua casa és na mesma! Arranjou-se o Palácio, mostrou-se tudo em termos de nada faltar aos delegados à Conferência nem aos jornalistas que faziam a reportagem do acontecimento e, no dia marcado, embandeirou-se o Palácio de S. Bento para abertura solene do Conselho da N.A.T.O.. O senhor Presidente do Conselho, Prof. Marcello Caetano, saudou os ministros presentes, desejou-lhes feliz estadia em Portugal, lembrou a solidariedade que unia todos os membros da Aliança Atlântica, afirmou a nossa fidelidade à Aliança e a nossa coerência com os princípios nela definidos e disse bem claro que Portugal não tem recebido quaisquer ajudas da Aliança no que toca à defesa do nosso Ultramar.

— Mas olhe que os nossos inimigos não se fariam de dizer que o que nos mantêm na nossa política ultramarina são as ajudas de toda a ordem que recebemos da N.A.T.O.!

— Isso é uma mentira piramidal. Repara tu que o senhor Presidente do Conselho disse ali bem claro que não recebíamos da N.A.T.O. qualquer ajuda utilizada no Ultramar e não houve ninguém que se atrevesse a contradizê-lo!

— Pois sim! E que mais?!

— Depois de Marcello Caetano, falou Menlio Brosio que era o Secretário da N.A.T.O..

Saudou o nosso Governo e disse que Lisboa oferecia um ambiente propício à reflexão sobre os problemas da Aliança, porquanto os portugueses foram, com as suas descobertas, quem mais tinha contribuído para a expansão da cultura ocidental e para o bom entendimento entre os povos de diversas raças e culturas. A seguir, falou ainda Aldo Moro, Presidente de honra da N.A.T.O. que também saudou Portugal e mostrou conhecer a nossa história e a nossa literatura.

— E não houve mais nada?!

— Depois desta abertura solene, seguiram-se as reuniões de trabalho, de carácter privado, como se compreende, dada a natureza dos problemas a debater no Conselho. O principal assunto que os ministros da N.A.T.O. traziam na agenda era debater uma possível redução das forças militares da Aliança Atlântica em face de igual oferta de re-

dução das forças do Pacto de Varsóvia proposta por Breznev. Mas, no meio desta preocupação geral dos ministros presentes ao Conselho, o delegado da Noruega, um tal Andreas Cappelen, não se segurou que não dissesse que era obrigado a intervir para comunicar uma resolução do Parlamento norueguês que condenava a política colonial de Portugal. E asseverou que essa política estava em contradição com a carta da O.N.U., etc. e tal...

— E o sujeito atreveu-se a desconsiderar-nos assim, nas nossas barbas?!

— Tal e qual! Tanto que o próprio Manlio Brosio lhe replicou que os debates ministeriais a que lhe tem sido dado assistir o habituaram a maior cortesia!

— E o nosso ministro ficou-se?!

— Isso sim! Cantou-lhas ali bem cantadas, que o outro ficou vermelho como um tomate! Que o senhor Cappelen, ao falar daquela maneira, revelava uma total ignorância quanto às províncias ultramarinas portuguesas; que acabava de ferir os sentimentos mais profundos do povo português; que introduzira nas discussões um elemento estranho à ordem dos trabalhos; que não o felicitava, etc., e tal. E que, se o Governo norueguês pensava que Portugal ia modificar a sua política apenas para dar satisfação às impertinentes moções do seu parlamento, estava bem enganado!

— Assim é que se fala!
— A N.A.T.O. ficou de enviar a Moscovo uma comissão a sondar as intenções dos dirigentes soviéticos e, por fim, escolheu-se o novo Secretário Geral que ficou a ser o senhor Joseph Luns, um holandês amigo de Portugal.

De Gave

Junho, 20

Falecimento — No dia 16, pelas 19 horas, tendo falecido em França por desastre no trabalho, chegou a esta freguesia o sr. Agostinho Fernandes, do lugar dos Cóforos. A urna foi transportada por um carro funebre francês. Incorporaram-se no cortejo funebre muitas pessoas de várias freguesias do nosso concelho assim como do vizinho concelho de Monção, e os seus companheiros de trabalho da S.A.E., onde o falecido fazia de chefe. O carro funebre vinha coberto de grinaldas e flores oferecidas pelos seus companheiros de trabalho.

Foi rezada missa de corpo presente com officios na igreja desta freguesia.

Nesta freguesia, que é pequena, no espaço de 6 anos, já faleceram, por desastre, em França 4 e, vindos de França, em Leão, Espanha, 2, não contando os que ainda sobrevivem do desastre, mas não são.

Pedimos a Deus pelo eterno descanso do nosso querido amigo Agostinho e a toda a família enlutada como seja a seus pais e irmãos apresentamos as nossas condolências e que Nosso Senhor guarde os que por lá trabalham para que não cheguem a casa dos seus

De Rouças

Junho, 25

Faleceu há dias, a sr.ª Rosa Coelho, da Igreja, que há alguns anos não podia trabalhar, devido ao seu estado de saúde. O seu funeral foi muito concorrido. Paz à sua alma e a toda a família, em luto, os nossos pésames.

— Chegou já ao lugar da Eira, em convalescência, o nosso amigo, sr. João Crisóstomo Cardoso, o que encheu de alegria todos os conterrâneos. Fez já no Porto a segunda operação e esperamos que agora vá recuperando depressa.

— A Comissão de festas de Santa Marinha está a trabalhar para que estas resultem grandiosas. A todos os conterrâneos, em França, se pede a sua valiosa ajuda. — C.

De PENSO

24-6-71

Pelos Correios — Com a evolução dos tempos, todos os serviços públicos tendem a melhorar. Não sucede isso com os Correios na nossa freguesia, pois que com a nova resolução, de a correspondência de Penso e para Penso, se fazer só depois da dita ir a Monção, a todos prejudicou.

Assim, um nosso assinante e amigo, recebeu um postal que, metido no correio em Melgaço no dia 11 só cá chegou no dia 15, o que causou um certo transtorno ao destinatário. Se realmente a distância é de 9 quilómetros, e temos duas carreiras que aqui passam diariamente, uma às 9,5 e outra às 15,30, porque há-de ser precisos quatro dias para receber um postal?...

Cada um no seu lugar cumpra com o seu dever, palavras que há muito ouvimos e jamais esqueceremos. Esperamos pois que estes casos se não repitam.

De Lisboa — Com pouca demora, estiveram entre nós, os nossos ilustres conterrâneos srs. Raúl Rocha, dr. Eduardo Vilarinho e Henrique Fernandes Rocha, Regente Agrícola, os quais tivemos a satisfação de cumprimentar.

O tempo e os campos — Chegou o verão, e foi-se a Primavera, que só quando estava para o fim nos deu um pouco de calor.

O vinho, que teve boa nascedura, está a reduzir-se cada vez mais. Há qualidades como o Pical, o Espadeiro e o Branco, que quase já desapareceram.

Norberto José Vas

Assine e Anuncie na «A VOZ DE MELGAÇO»

familiares deste modo nada agradável para todas as pessoas.

Baptizado — Na igreja desta freguesia, foi baptizado no dia 16 com o nome de José Luís, um filho do sr. Agostinho Fernandes e da sr.ª Albertina Dias Monteiro, do lugar da Igreja. Ao neófito desejamos um futuro feliz e aos seus pais os nossos parabéns. — C.

O GRANDE ARRAIAL CONTINUA!...

CASA DA SORTE

distribuiu aos seus balcões em 17-6-71

2.º Prémio da Lotaria de S. João
24919 — 600 Contos

Em 24-6-71

SORTE GRANDE DA LOTARIA DE S. PEDRO
40550 — 5 000 Contos

A seguir:

LOTARIA ESPECIAL DE JULHO

4 800 Contos por 360\$00

400 Contos por 30\$00

À venda na

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

De Chaviões

Avanço no Progresso —

Com quanto eu não seja natural desta paróquia, mas nela residindo é sempre com plena satisfação que registo, através da minha singela correspondência, neste quinzenário, o surto de progresso que de dia a dia se vai verificando, nesta freguesia.

Fala-se na continuação da estrada, Cemitério-Cevide.

Realmente já por aqui se tem visto um Senhor Engenheiro a traçar o plano e, a ser verdade, a sua abertura, o que não ponho em dúvida, servirá lugares, não só desta freguesia, como da de Paços e Cristóval, que tanto necessitam desta ligação.

Mas além da reconhecida necessidade para os lugares ainda isolados, a continuação desta estrada não só valoriza propriedades, como também muito vem a beneficiar os desportistas da pesca, caça e recreio. Pela vasta arborização do terreno, ainda pode vir a ser uma estrada de turismo, desde que tenha ligação devida: Cevide-S. Gregório, Estrada Nacional.

Para bem do progresso, colaboremos todos na medida do possível e nada de criar embaraços na sua passagem da continuidade da nova estrada, que tantos benefícios e lucros nos poderão advir da sua continuação.

Por falar em estrada, não posso deixar de demonstrar nestas colunas, o cuidado que mereceu aos empregados, da nossa Câmara, o arranjo da Nossa Estrada-Viso Cemitério, podendo ser classificado de óptimo, embora de pouca duração, pelos motivos já aqui apontados, (esfultamento ou a paralelepípedo).

Montagem de mais Telefones — Está prevista para breve a instalação, em prédios particulares, de mais 3 telefones, no lugar da Igreja, Lages e Tapada, sendo de reconhecida necessidade, em casos urgentes, nos dois últimos lugares.

Inspecção Militar — Esteve presente à Junta Militar de Sande, no dia 14 do presente mês, o nosso conterrâneo e amigo, Manuel Luis Fernandes Reinales, estudante do 7.º ano do Colégio Universal do Porto, que, pela mesma, foi dado capaz para todo o serviço militar.

Partida — Afim de se juntar a seu marido, partiu para o Canadá, a sr.ª Maria Armada Cunha, do lugar do Outeiro, a quem desejamos muitas felicidades.

Chegadas — Vindos de França, encontram-se entre nós, e no seio dos seus familiares, o senhor António Lourenço Guerreiro, que se faz acompanhar de sua esposa, senhora D. Maria Alice de Lima Guerreiro.

As nossas felicitações de boas vindas e umas «vacances» bem passadas, são os nossos sinceros votos. — C.

Negócios proibidos

O assunto volta a ser abordado mais uma vez. É lamentável que tal suceda, o que demonstra que, desde a última vez que o mencionámos, não foram tomadas medidas energéticas para evitar exactamente o contrário.

Os motoristas de táxis desta vila, apresentaram na redacção do nosso Jornal, mais um protesto contra o uso abusivo de entidades particulares se intrinsecamente nos negócios a que a eles sómente diz respeito, por estarem para isso devidamente habilitados. Sucede mesmo que esses motoristas transgressores praticam os seus actos muitas vezes nas barbas dos que para tanto têm competência, denotando, por parte daqueles transgressores, a maior falta de consideração, reprovável a todos os títulos, causando, conseqüentemente, por parte dos habilitados, prejuízos de ordem moral e material.

(Continua na 5.ª página)

Carta do Ultramar

(Continuação da 1.ª página)

o grupo avança, a guerra continua.

Catana na mão, capim serrado, mais uma liana, para matar a sede, mais vestígios de animais, e lá vamos rumo à picada.

Distâncias, silêncio, olhos postos no capim arma em auto arma, patilha em S; mais para oeste, chegamos ao esporão e, à voz de alto, vinda do capitão, todos param, sempre atentos, sempre firmes.

Quatro dias no mato, molhados e cansados, sedentos da água do quartel, da nossa cama, de um banho bem frio, de chuva.

Chegamos finalmente! Olhares curiosos, à chegada, tentando descobrir algum prisioneiro.

Não, nada vimos. Os turras andam fugidos no vale, onde têm melhores refúgios, escadas difíceis para lá chegarmos. O vale é muito selvagem, arbustos cortantes, feijão macaco e a matacanha fazem-nos suar a camisa.

Enfim, chegamos. Mais tarde, quatro dias depois, saíram os outros grupos para as margens do rio Muide.

Viram apenas machambes colhendo cereais, um deles armado. A aproximação de um dos nossos grupos foi barulhenta, eles cavaram, sendo contudo abonados a diligência e morteirada.

Fugiram e a operação correu mal, era a primeira vez, tropa checa.

Destruíram algumas cobatas, utensílios domésticos e outros. A machamba onde trabalhavam era grande e rica de variados frutos.

Milho, melancias, pepinos, mais ao lado, junto ao rio, crescia farto o arroz.

Mais chuva, cacimbo à noite.

A operação terminou ao fim do quarto dia, sem resultados. Foi pena realmente terem fugido os machambes. Um dia virá que o mesmo grupo vingará o desastre.

É preciso continuar lutando, caminhando convictos no futuro, sempre firmes, sempre atentos.

Doutor Carlos Nuno Salgado Vaz

(Continuação da 1.ª página)

apareceu na história do mundo (de Gaudium et Spes, n.º 38).

O juízo crítico de V. Rev.ª (quarta parte) é generoso ao mostrar a continuidade da minha reflexão, com os mais actuais problemas, em particular a «secularização», os quais exigem uma definição e uma acção da Igreja no mundo. As actuais pesquisas sobre a «teologia política» ou sobre a «teologia da esperança», são uma nova expressão da minha longa reflexão.

Agradecemos de todo o coração a generosidade de V. Rev.ª, quer «teológica», quer fraternal; graças a ela, ainda conservo alguma juventude na velhice.

Faço votos para que a defesa da tese seja eficaz. Agradeço ao P. Pinheiro o ter aceiteado e dirigido com tanta simpatia o trabalho de V. Rev.ª.

Quanto a mim, renovo fraternamente e respeitosa comunhão de pensamento para com V. Rev.ª

M. J. Chenu

As operações continuam. O turra há-de aparecer no vale ou no planalto, na machamba ou na cobata.

Terça-feira, há outra operação; para ela, aqui estamos já à espera e abrindo trilho. O meu grupo é o terceiro. A zona é de passagem de reabastecimento, da zona norte para o sul.

Ai eles nos causaram vários feridos, nos embuscaram várias vezes.

O local é conhecido; muito perto há uma base, o Capoca, o local é o cruzamento.

Ai passam guerrilheiros da Frelimo fazendo a cobertura aos machambes que vem dos trabalhos na machamba.

As operações continuam e eu, depois, continuarei também a escrever, a contar mais novas desta guerra.

Por hoje nada mais. Resta-me despedir-me dos meus amigos e patricios de Melgaço. Um abraço do Rodrigues.

O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

pondeu: «Os conventos são a defesa da inocência, o abrigo da penitência, o refúgio dos pobres, doentes e necessitados».

Era admirável o amor que tinha aos pobres. Quanto mais dava aos desprotegidos, de fortuna, tanto mais lhe cresciam os recursos. Houve quem censurasse esta sua caridade, porém ele respondia: «Os bens do Bispo são esmolas dos fiéis; não convém portanto que os gastemos inutilmente».

De Boleslau, duque da Polónia, filho de Judite, recebeu convite para pregar o Evangelho aos Pomeranos, povo que ele mesmo acabara de subjugar pelas armas. Otão requereu do Papa licença para poder aceitar tão sublime missão e, acompanhado de muitos clérigos, pôs-se a caminho para Pomerânia. Só Deus sabe quantos trabalhos os missionários tiveram, no meio de um povo bárbaro, pagão e supersticioso. Mais de uma vez os sacerdotes idólatras tramaram contra a vida do Bispo e dos seus auxiliares. Deus protegeu-os e tanto lhes abençoou as fadigas e sacrifícios que quase a Pomerânia inteira se curvou sob o doce jugo de Jesus Cristo, e voltou mais tarde para a sua Diocese.

Tempos depois, veio-lhe a notícia de diversas cidades terem abandonado o cristianismo, entregando-se de novo às superstições pagãs. Pela segunda vez foi então à Pomerânia; mas as dificuldades e a pertinácia dos renegados foram tais, que os companheiros de Otão quiseram entregar-se ao desânimo. O Bispo porém exortou-os com estas palavras: «Não viemos aqui procurar o nosso bem-estar! Pensastes que nenhuma dificuldade deveria atravessar o nosso caminho? Quem não tiver a coragem de me acompanhar, pelo menos não embarce os meus passos».

Os missionários, ouvindo estas palavras do Bispo, encheram-se de ânimo e recommencaram os trabalhos. Deus abençoou-os de tal maneira, que não só voltaram à Igreja os que a tinham abandonado,

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

O Deputado Dr. Júlio Evangelista referiu-se à celebração da Comunidade Luso-Brasileira

(Conclusão)

Navegadores de almas!

A Constituição da U.N.E.S.C.O. inscreve a afirmação de que «as guerras começam no coração dos homens», sendo «no coração dos homens que devem ser construídas as defesas da paz». Pois nós, portugueses e brasileiros, podemos inscrever solenemente, no texto constitucional da nossa Comunidade, que ao longo de séculos moldámos e consolidámos a única *democracia racional*, a única *democracia humana* no mundo trabalhado pela cultura do Ocidente. Democracia humana cada hora mais viva e mais pujante em todos os continentes no seio de todas as raças.

Vivemos a época dos grandes arranjos políticos e das vastas composições económicas. Temos de nos impôr, por outro lado, num tempo em que os diferentes raciais envenenam o coração dos homens sendo erigidos em razões de Estado. Portugal, Nação pelo mundo «em pedaços repartida», tem retalhos da sua carne e do seu espírito nas sete partidas da Terra. O Brasil, pátria morena que se orgulha de o ser, está em condições de privilégio entre o Terceiro Mundo e os blocos detentores da balança do poder internacional. Dispõe, além disso, do prestígio do seu peso territorial e demográfico. Participando dos destinos portugueses, através da Comunidade, como nós participamos dos seus próprios destinos, estamos em condições de assumir no Mundo papel de proporções incalculáveis. Dentro de algumas décadas seremos cerca de duzentos milhões de almas, falando e sentindo de igual modo em todos os Continentes, que por todos eles se espalha e vive a Comunidade.

A nossa época definitiva e cruelmente quebrou as torres de marfim, quer para os indivíduos quer para os Estados. A nossa época arrasta-nos, impele-nos, e postergou os isolamentos estratégicos ou simplesmente cómodos.

Quando Manuel Bandeira — S. João Baptista do modernismo brasileiro, na expressão de Mário de Andrade — apontava Pasárgada como o lugar em que a sua imaginação inventava para se viver e morrer em plena felicidade, ainda então não se criara no Mundo uma organização chamada Nações Unidas. Na ilha de Pasárgada, o seu genial criador viveria feliz, porque... em Pasárgada tem tudo. E outra civilização. Tratava-se de um mundo maravilhoso, mundo de paz e de plenitude espiritual, onde ele próprio, por ser amigo do rei, senta-se como rei: *Vou-me embora pra Pasárgada | Lá sou amigo do rei | Lá tenho a mulher que eu quero...*

Hoje, Pasárgada teria de pedir licença à O.N.U. para existir como Estado independente; disse:

mas ainda outras tribos pediriam para ser admitidas na religião de Jesus Cristo. O Bispo sentindo em pouco a morte chegar, para ela se preparou com todo o fervor; morreu em 1139 com a idade de 70 anos.

poria obrigatoriamente de bandeira e de sufrágio universal; pagaria jóia e quotas; os seus *telejones automáticos*, de que falava o Poeta, estariam ligados a Nova Iorque, ao Palácio das Nações Unidas, onde um Ministro das Relações Exteriores daria conta dos resultados aritméticos da autodeterminação e assistiria às sessões da Assembleia Geral. A ilha de Pasárgada já nem seria um reino, o monarca teria sido destituído ou executado em qualquer encruzilhada da felicidade, ou teria feito como outros, que escondem, envergonhados, a qualidade de príncipes. Pasárgada foi destruída, o poeta já não encontra ali o mundo da sua fantasia, já não mora lá o

rei seu amigo, já não terá a mulher desejada, para a noite em que tiver *vontade de se matar*.

Pasárgada tornou-se membro das Nações Unidas, a felicidade sucumbida à espionagem organizada, às pressões diplomáticas, e aquela civilização prodigiosa, onde havia de tudo, afundou-se no caos, de onde um tirano emergiu e pôs a ilha a ferro e fogo.

Pasárgada, a Pasárgada do poeta, onde todas as coisas davam, aos homens que fossem preocupados ou tristes, uma lição de infância, essa ilha sonhada exportaria agora grandes títulos para o noticiário internacional.

(Continua na página seguinte)

Por amor à verdade

(Continuação da 1.ª página)

Segunda pergunta: não tendo a «Notificação» seguido as normas da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé — suspeita ou descoberta de erro teológico, análise feita por peritos, exposição escrita a enviar ao autor sobre erros de fé, e resposta deste, dada por escrito — sendo tão explícitas as Normas da Sagrada Congregação, repetimos, e não se tendo observado, qual a validade da «Notificação»?

Terceiro comentário. A «Notificação» acusa *sem apresentação de factos nem razões*, sem os concretizar numa palavra, a fim de que pudéssemos esclarecer os leitores — organizou-se o processo, sem libelo, nem testemunhas nem defesa, — com o esquecimento total de que devemos informação completa à opinião pública.

Perguntamos, pois, sobre a «Notificação», à luz da «Comunio e Progresso» e «Inter Mirifica»:

Fala-se em «rumores e queixas» mas não se diz em que consistem, que é que são, quais são e donde vêm! Fala-se em «desacordo com a Hierarquia» mas não se diz *qual é esse desacordo*. E para o haver ter-se-ia de verificar erro de fé, e só neste caso poderia a Autoridade intervir, alegando o desacordo. Fala-se de a «orientação pertinzamente seguida por «A Voz de Melgaço»,... não ser a que a Igreja deseja». Qual Igreja? perguntamos. Afinal, tudo conclusões, tudo sentença proferida, sem esclarecimento tanto ao acusado como à opinião pública.

Ora como a Autoridade só pode intervir quando se trate de erros dogmáticos, não vemos como se possa conciliar a «Notificação» com as Normas do Concílio Vaticano II e os documentos pós-concilianos já citados.

De acordo com a «Communio et Progresso» desejo me sejam dadas as respostas que formule a fim de informar os meus leitores e dar plena satisfação à genuína orientação da Igreja.

Resumindo: não há nenhum erro dogmático, pelo qual a Autoridade Religiosa pudesse intervir pela forma como interveio.

Na «Notificação» fala-se em desacordo. Se não se trata de erro teológico, esse «desacordo» na Igreja chama-se pluralismo, que Ela não só aceita como exige e defende. «A esta unidade católica do povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal, são chamados todos os homens: a ela pertencem ou para ela se orientam, embora de maneira diferente, tanto os católicos como todos os cristãos e mesmo todos os homens em geral, chamados pela graça de Deus à salvação» (Lumen Gentium, n.º 13).

À luz desta visão católica do povo de Deus se deve ver, agora, o termo «católico» e, conseqüentemente, aceitar o pluralismo como exigência vital da mesma Igreja. Portanto estar em discordância com a Autoridade Religiosa ou com os outros homens chama-se, apenas, pluralismo católico, desde que se não trate de verdades de fé.

Cristo era a Verdade, o Caminho e o Amor. E para defesa da verdade com que palavras e actos violentos — sepulcros caiados, raça de víboras, filhos do Diabo — não tratou os homens religiosos do seu tempo? Deixou, por isso, de ser Verdade e Amor?

Apesar de a «Notificação» não ter fundamento nem teológico nem jurídico, desejávamos ardentemente fazer a vontade ao Autor da mesma. Mas não podemos, porque, se o fizéssemos, antes de recebermos as respostas, que a «Communio et Progresso» exige que se nos dêem, iríamos sujeitar os colaboradores de «A Voz de Melgaço» às piores suspeitas, facto em que de forma alguma colaborámos.

«A VOZ DE MELGAÇO»

Necrologia *Negócios*

† Manuel Baptista Gonçalves

Na sua residência da cidade de Posadas — Misiones (Argentina), faleceu no passado dia 18, o nosso conterrâneo, sr. Manuel Baptista Gonçalves, proprietário.

Ex-tinto, pessoa de respeitabilidade e consideração, dotado de qualidades de carácter, de bondade e de trabalho que sempre o impuzeram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio e naquela cidade onde estava radicado há cerca de sessenta anos, finou-se com a idade de 85 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos o conheciam ou que com ele privavam.

Era casado com a sr.^a D. Júlia Domingues Gonçalves, pai do sr. Dr. Alpidio Gonçalves, Notário em Ponte da Barca, das senhoras Professora D. Margarida Gonçalves Marques, D. Aida Gonçalves Teixeira, sogro dos Senhores António Teixeira, funcionário da F.N.A.T. na cidade do Porto, António Esteves Marques, (ausente em Joanesburgo), da sr.^a Professora D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves, irmão do sr. Germano Gonçalves (ausente na Argentina), da sr.^a D. Maria Gonçalves, avô das meninas Maria de Fátima Gonçalves Teixeira (Estudante), Helena Maria Dias de Figueiredo Gonçalves, Maria José Dias de Figueiredo Gonçalves, Lúcia Maria Gonçalves Marques e

Negócios **proibidos**

(Continuação da 3.ª página)

Este estado de coisas veio-se a agravar ainda mais pelo facto de colegas com sede nas aldeias trabalharem como se a sede fosse na vila, estacionando na vila e fazendo serviços como se da vila fossem. Evidentemente que, para evitar animosidades de parte a parte, os motoristas da vila não têm tomado qualquer decisão efectiva para com os seus colegas, esperando deles a necessária compreensão que lhes é exigida. No entanto, os tempos correm e não se verificou ainda qualquer iniciativa por parte desses colegas como seria de esperar, agravando a situação os resultados lastimosos como é de prever. Simplesmente lamentável, repetimos.

Espera-se que a curto prazo a situação seja revista para beneficio de todos, evitando-se, assim, medidas drásticas que os Motoristas da vila de forma alguma querem adoptar, salvo se, para tal, forem obrigados.

E. F. S.

do menino Octávio Manuel Dias de Figueiredo.

«A Voz de Melgaço» sensibilizada, apresenta a toda a família em luto o seu cartão das mais sentidas condolências.

A. L. P.

Na Assembleia Nacional

(Continuação da 4.ª pág)

É nesta civilização quase despida de sonhos, nesta «civilização da Aventura no mais alto sentido, onde o homem avança iluminando-se com o facho que ergue em suas próprias mãos» (André Malraux), é aqui o limiar das grandes tarefas que desafiam a Comunidade Luso-Brasileira.

Escreveu Moniz Barreto que a nós, portugueses, «a função que coube na História é o Heroísmo e a fé». E ia explicando:—Destituídos de imaginação penetrante e do dom de vasta compreensão, desprovidos de larga simpatia e de curiosidade infatigável, primamos pela energia da vontade e pela grandeza do carácter. O fundo deste carácter é a honra militar». E prosseguia o fascinante ensaísta goês:—«A capacidade de afirmar e querer, de obedecer e dedicar-se, uma tendência singularmente nobre de transformar o Mundo à imagem do nosso ideal, uma generosa impaciência da perfeição, o desdém da beleza plástica e das delicadezas aristocráticas, um pensamento simples como um acto, a paixão concentrada e a seriedade trágica, eis outros tantos traços do génio peninsular».

É dentro desta linha de carácter que a nossa literatura se afirma no lirismo, no teatro de caracteres e espelho da vida, num romance em que a análise da alma humana não cede perante o aceno irresistível da acção, e sobretudo por uma produção épica em que a nobreza se exalta no culto do dever e na grandeza da Nação. É esta lição que ainda hoje nos afirma perante o Mundo como entidade

histórica digna de respeito. Somos ocidentais, sem deixarmos de ser atlânticos e universalistas. A Comunidade que fizemos espalhar pela rosa-dos-ventos, recebeu de nós o espírito da nossa faixa atlântica—«o rosto com que fita», nos versos de Fernando Pessoa—mas, na osmose do carácter, no cadinho da História, onde se forjam as nações e os povos se afirmam e sublimam, recebemos algo que nos fez transcender da Europa, sem deixarmos de ser fiéis à madre—aquela princesa, filha do rei fenício Agenor, que Zeus raptou e trouxe para cá do Mediterrâneo, e que viria a desentranhar-se em beleza, em cultura, em arte, em civilização.

Estamos hoje exaltando a Comunidade das nossas duas Pátrias. Celebramos o Brasil e celebramos Portugal—hoje em todos os continentes, por gente de cores diversas e de credos diversos, de raças diferentes e diferentes usanças, mas falando a mesma língua em qualquer das sete partidas, defendendo os mesmos valores, participando da mesma história e endereçada para o mesmo destino, que são as largas e promissoras estradas do futuro. Desde Brasília a Lisboa; de Luanda a Macau; do Rio a Moçambique; dos Açores a Timor; da Guiné até aos longínquos e misteriosos sertões da Amazônia—por toda a Terra se ergue hoje um coro de louvor à Comunidade Luso-Brasileira. E nesse coro, a repercutir-se pelos continentes e pelas campinas celestes, parece entender-se distintamente o mandato da História e o mandato dos povos: «—Mais alto!, mais além!».

Um Homem, na Câmara!

Armando da Mota Solheiro, de 64 anos de idade aproximadamente e 37 anos de serviço também aproximadamente.

Serviu com 8 Presidentes (excluindo o actual): Dr. João de Barros Durães, Prof. Abilio Domingues, Capitão Louro de Oliveira, Dr. Elísio de Oliveira Alves Pimenta (que foi Governador Civil do Porto e deputado da Nação), Dr. Carlos Luís da Rocha, Dr. Júlio do Outeiro Esteves, Dr. Ovidio Pardelinha e Prof. Manuel José Rodrigues, além de 3 vice-Presidentes que ocuparam a Presidência como vice-Presidentes em exercício durante meses consecutivos (Ex.^{mos} Srs. João Eugénio da Costa Lucena, Prof. Manuel Luis de Pinho Gonçalves e João Martins da Costa Lobo Maia. Dezenas de ilustres vereadores e conselheiros municipais com ele contactaram. De todos, sempre receberam as maiores provas de consideração e apreço.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MELGAÇO

2.ª Publicação

ANÚNCIO

No dia TRINTA de JULHO próximo, pelas QUINZE horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, na EXECUÇÃO ORDINÁRIA PARA PAGAMENTO DE QUANTIA CERTA que por este Juízo corre seus termos e em que é EXEQUENTE — Rosa Vaz ou Rosa da Ascensão Vaz, viúva, doméstica, residente no lugar de São Gregório, da freguesia de Cristóval, desta Comarca e EXECUTADO — José Abílio Pires, separado judicialmente de pessoas e bens, recluso da Cadeia Civil do PORTO, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios apreendidos àquele EXECUTADO:

PRIMEIRO

Metade indivisa do «CAMPO E VALADOS DA ADEGA GRANDE», de cultivo, no lugar de Sá, da freguesia de Paços, desta Comarca, inscrito na respectiva matriz rústica sob o artigo 1480 — 1/2 e descrito na Conservatória do Registo Predial deste Concelho sob o N.º 18.238, a folhas 4 do Livro B 45, a qual vai à praça pelo valor de DEZ MIL E DUZENTOS ESCUDOS.

SEGUNDO

Uma quarta parte indivisa da propriedade «SOUTO DOS BURACOS OU MIRÃO», de soute, no lugar de Govendo, da freguesia de Paços inscrita na respectiva matriz rústica sob o artigo 750 — 1/4 e descrito na Conservatória do Registo Predial deste Concelho sob o N.º 32.665 a folhas 11 verso do Livro B 81, a qual vai à praça pelo valor de SEIS MIL NOVECENTOS E QUARENTA ESCUDOS.

MELGAÇO, 29 de MAIO do ano de 1971.

Verifiquei

O Juiz de Direito,
Manuel José de Almeida e Silva

O Escrivão de Direito,
José Henrique Pinheiro Calheiros

Sr. INDUSTRIAL:

Deseja que os seus produtos sejam vendidos e conhecidos no mercado? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

O sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro, competentíssimo chefe de Secretaria (conforme opinião insuspeita de todos os inspectores dos serviços que estavam a seu cargo), pode testemunhar o seu apego ao trabalho.

Os seus serviços como investigador, em casos policiais, foram inúmeras vezes solicitados por Dig.^{mos} Magistrados Judiciais que o tinham em muita consideração.

Nos tempos, em que nas festas e romarias eram derimidas ricas antigas e de antemão aprazados os «ajustes de contas» para aqueles dias, o policiamento estava a seu cargo (não havia no concelho G.N.R.) e, devido ao seu porte e respeito de que disfrutava, aquelas decorriam ordeiramente. Não se registou, que nos lembre, um único caso que motivasse detenção preventiva ou posterior procedimento por desacato grave. A sua presença impunha-se.

Para melhor eficiência das investigações a que procedia, ocupou, ao longo de 30 anos, centenas de noites ou grande parte delas. Amiudadas vezes se viam as luzes da Câmara acesas até alta madrugada. Era o sr. Armando Solheiro que ali se encontrava, ao serviço do concelho, e no exercício das funções que lhe estavam confiadas e às quais abnegadamente se dedicava.

Durante estes 37 anos, teria faltado ao serviço da Câmara, por doença (gripe ou coisa parecida), uns 20 dias. Mesmo no período das suas licenças

para férias (30 dias por ano) era normal ver-se ali, de manhã ou de tarde (em muitos dos dias daquele período) a prestar o seu auxílio nos serviços da Secretaria. Pode testemunhá-lo o ex-chefe de Secretaria, com quem trabalhou perto de 35 anos e os seus colegas.

É considerado e respeitado em todas as camadas sociais do concelho (clero, elite e povo).

Nunca se negou a trabalhar fosse qual fosse a hora quando realmente necessárias e... podendo.

Outras actividades: substituto do Ex.^{mo} Delegado do Procurador da República por várias vezes; comandou a «lança» da Legião Portuguesa em vários desfiles e apresentações fora do concelho, «lança» esta então considerada a mais «aprumada» do distrito de Viana do Castelo; muito tempo na Comissão Venatória Concelhia; também, nos últimos anos e até há pouco, foi Secretário da Comissão Concelhia da União Nacional.

O Armando Solheiro é um raro exemplo de lealdade...

A nossa homenagem. E, nela, a nossa homenagem a todos os Srs. Funcionários da Câmara, cujo zelo e apuro, o nosso Povo tanto aprecia.

Agência de Viagens «RUMO»

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

Vinho do Porto **BARROS**

De todos o mais saboroso De todos o mais preferido

REGIST. BRAND. BARROS ALMEIDA & C. O PORTO

Lágrima Christi **BARROS** em França o mais apreciado

Recoveiro Rogério

de MONÇÃO

Recebe encomendas para:

MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO

Paragem no PORTO:

RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218
Até às 18 horas

Em MONÇÃO:

RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO

O caso dos tubos de fibrocimento

Há quem duvide do acerto na escolha

Voltamos a falar do assunto em epigrafe. Fazemo-lo para rebater algumas afirmações erradas do sr. Presidente da Câmara.

O «Notícias de Melgaço», de 10-2-1971, em «Conversando com o sr. Presidente da Câmara», diz textualmente:

«P. — Senhor Presidente, fala-se que não foi acertada a substituição dos tubos plásticos pelos de fibrocimento no abastecimento de água à Vila. Que nos pode informar?»

R. — Eu não sou entendido em tubos, creio mesmo que em Melgaço não há peritos no assunto.

A substituição foi muito pensada e ponderada; os técnicos e responsáveis pela distribuição de água ao domicílio não hesitaram em preferir o fibrocimento, por oferecer melhores garantias; anote-se que o autor do projecto preferiu também este material.

Se acrescentarmos que no mercado não havia tubo plástico homologado, nem se previa a data para a sua produção, ainda haverá quem duvide do acerto da escolha?...

Já chegaram os resultados dos tubos enviados ao L.N.E.C. (Laboratório Nacional de Engenharia Civil).

Que falemos os números obtidos no ensaio.

Resultado da pressão interior: Tubo de distribuição, 85 kg/cm²; Tubo de condução, 45 kg/cm²; A pressão máxima para a Vila é de 6 kg/cm².

Respondemos:

Como é possível afirmar-se que os técnicos responsáveis preferiram o fibrocimento? Não há técnicos mais responsáveis que os da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, e esta, que tem à sua disposição a Junta Sanitária de Águas e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, autorizou a Câmara, depois de receber várias exposições sobre o assunto, a utilizar neste abastecimento o tubo plástico, em vez do fibrocimento, embora este constasse do projecto. E não só autorizou como nos indicou, em relação anexa ao ofício de 5-9-69, o nome dos fabricantes de tubo aprovado, e até se ofereceu, gentilmente, para pedir propostas.

As firmas indicadas por aquela Ex.^{ma} Direcção Geral eram as seguintes:

Lusofane (Cartaxo), Fábrica de Plásticos Ramires (Ovar), Baquelite Liz (Leiria), Indústria Portuguesa de Plásticos (Lisboa), António Carvalho & Filhos (Leça de Palmeira) e Companhia Industrial de Plásticos Daco (Lisboa).

Não será, porventura, esta Ex.^{ma} Direcção Geral a entidade mais competente e mais responsável sobre o assunto? Quem o duvidará?

E ela que aprova os projectos, indica os materiais a utilizar, tendo em conta as qualidades da água a distribuir e as condições de serviço do material.

E como esta Direcção Geral não anda para diante e, depois, para trás, porque *pensa e pondera* primeiro os problemas, está em pé a **autorização da substituição do fibrocimento pelo plástico, no abastecimento de água à Vila**, e isto, no caso concreto, por oferecer melhores garantias. Não foi outro o motivo daquela autorização.

Como pôde o sr. Presidente afirmar que foi *muito pensada e ponderada* a utilização do fibrocimento e que os técnicos não hesitaram em preferi-lo?

Mas que técnico ou técnicos podem sobrepor-se à Ex.^{ma} Direcção-Geral?

Gostaríamos de saber os técnicos intervenientes.

A Câmara da nossa Presidência optava pela aplicação do tubo rígido P.V.C. da Lusofane (tudo de cor azulada), mas tinha caducado a validade da homologação.

Por este motivo, ir-se-ia para o tubo de polietileno (tubo plástico de cor preta) de qualquer das outras firmas indicadas, e nunca para o fibrocimento, em razão do número elevado de roturas que se verificaram (mais de 500) e verificam.

O sr. Presidente diz que no mercado não havia tubo plástico homologado.

Não é verdade. A Fábrica de António Carvalho & Filhos, atrás referida, informou em 4 de Abril do ano corrente: «os tubos da nossa fábrica têm estado sempre aprovados pelos competentes Serviços do Laboratório Nacional de Engenharia Civil»...

A Baquelite Liz também disse, em 7-4-971: «Informamos que nunca caducou a aprovação do nosso tubo, pois foi sempre renovada a tempo e horas».

Ambas estas firmas foram indicadas pela Ex.^{ma} Direcção Geral.

Como se vê, não é verdadeira a informação do sr. Presidente, pois havia no mercado tubo homologado, isto é, aprovado superiormente.

Nós somos, portanto, dos que duvidamos do acerto da escolha.

Está connosco a Ex.^{ma} Direcção-Geral que autorizou o tubo plástico por, repetimos, oferecer melhores garantias, dado o grau elevado da agressividade da água e do solo em Melgaço.

Monção optou pelo plástico e muitas outras câmaras o têm preferido.

No arquivo encontram-se as informações que algumas prestaram sobre o problema, a nosso pedido.

No final da parte transcrita, o sr. Presidente diz: «que falemos os números obtidos no ensaio» dos tubos, e indica-os.

O sr. Presidente deslocou a questão.

Os números obtidos no ensaio dos tubos, referem-se à resis-

Denúncia frustrada

O espírito malévolo de certas pessoas que sentem feridas no seu íntimo, mercê de circunstâncias que julgo desnecessárias serem relatadas, leva-os a criar situações que apenas contribuem para melhor se fazer um juízo mais significativo sobre os mesmos.

No passado dia 13 de Junho (Domingo), o nosso assíduo correspondente e colaborador, sr. Alfredo Lourenço do Paço, decidiu convidar um amigo que tinha acabado de chegar de França a ir tomar qualquer bebida em casa dele.

Um cavalheiro de nome Manuel dos Santos Branco, de profissão «XASTRE», natural de Santo Tirso e residente nesta vila, que parece não gozar de boas relações com o nosso colaborador, procurando um objecto de vingança, chamou um agente da Guarda Nacional Republicana, informando-o de que o nosso colaborador, proprietário de Barbearia, estava a trabalhar ao domingo. Feita a necessária investigação pelo representante da Lei, verificou-se que ao sr. Manuel dos Santos Branco (XASTRE), o tiro lhe havia saído pela culatra.

Ainda há pessoas assim...

Azar, sr. «XASTRE»... Azar... por não levar a melhor, que tinha em perspectiva.

Não merece parabéns. Olhe, jogue no «Totobola»...

Não é assim que se procede... Isso é feio.

Foi muito precipitado e infeliz em tal acusação.

Para a próxima, trabalhe com mais diplomacia.

A. M.

tência, à pressão, e nós falamos da corrosão.

Não é a mesma coisa pressão e corrosão.

Corrosão é o desgaste do fibrocimento provocado pela agressividade da água e do solo.

O desgaste, porque enfraquece a resistência dos tubos, é que dá origem às roturas.

Quem será o responsável pelos prejuízos e dissabores que, amanhã, ocorrerem?

Substituir fibrocimento por fibrocimento, não nos parece medida acertada.

Mas enfim!...

P. S.

1 - Causou-nos certa surpresa que o sr. Engenheiro Valença da D. de Urbanização de Viana do Castelo, conhecedor do problema, tenha permitido a utilização dos tubos de fibrocimento.

2 - Este assunto já foi ventilado neste jornal em 15 de Outubro de 1970.

MANUEL JOSÉ RODRIGUES (ex-Presidente da Câmara)

“Conheça Melgaço,”

XI

ROUÇAS

A freguesia de Santa Marinha de Rouças pertence à província do Minho e comarca de Melgaço. Foi do concelho de Melgaço, mas da comarca de Monção. Dista 97 quilómetros de Braga e 450 de Lisboa, ao norte.

Tinha pelo censo de 1960 uma população de 1.263 habitantes em 353 fogos. Os seus prédios totalizavam 577. Em 1757 tinha 88 fogos. A mitra apresentava o abade que tinha 350\$000 reis de rendimento.

É formada pelos lugares de Adegas, Aldeia, Bilhões, Cabana, Cabreiros, Carreira, Carvalhos, Cavaleiros, Cela, Crasto, Corções, Eira, Eiró, Igreja, Loviô, Oleiros, Paço, Perses, Pombeira, Porto, Quinta, Requeijo, Rio do Porto, Sobral de Baixo, Sobral de Cima, Surribas, Telheiro e Verdade.

É sobranceira ao ribeiro de

Canles ou S. Lourenço. Já existia no século XII.

Foi primitivamente do padroado da antiga e nobre família dos Senhores do «Paço de Roças» que tinha o seu solar no lugar do Paço, hoje da freguesia de S. Paio, mas que há séculos pertenceu a Rouças.

Ainda hoje se podem ver ruínas daquele solar. O padroado passou depois para Manuel Pereira (o Mil Homens), da vila de Monção, e o solar para os Castros de Melgaço. Finalmente o padroado passou para o arcebispado de Braga. A sua padroeira, Santa Marinha, é uma das nove irmãs bracarense, filhas de Lúcio Caio Atílio. O Portugal Sacro e Profano diz que a padroeira é Nossa Senhora dos Anjos, mas não é verdade. A igreja é a mais ampla e airosa do concelho. Foi mandada construir em 1690 pelo pároco Brás de Andrade da Gama, e em 1870 foi reconstruída a residência a expensas dos paroquianos.

O território desta freguesia tem 7 quilómetros de comprimento por cinco de largo, estendendo-se desde a encosta oeste da serra de Pernidelo até perto das antigas muralhas da vila de Melgaço, pertencendo, ainda, à freguesia as primeiras casas da Vila.

Ainda que em terreno muito accidentado, os seus vales são fertilíssimos e o vinho que produz é de óptima qualidade, principalmente o dos sítios dos Barreiros e Vale de Cavaleiros.

Situa-se nesta freguesia a grande quinta que foi do Mosteiro de Fiães. Passou ao Dr. José Joaquim Gomes, sendo hoje propriedade particular.

(Continua)

Deseja ver os seus artigos a ser rapidamente vendidos? Anuncie desde já em «A VOZ DE MELGAÇO»

mento, mas de fome, graças à abnegação dos vizinhos do poço e dos Bombeiros Voluntários da Areosa, que contam agora no seu activo mais um salvamento, da vida de um animal. Vida que, afinal, pode ainda proteger ou salvar também a vida do homem que o salvou, ou de outro qualquer. Uma vez salvo, foi o próprio bombeiro n.º 45 que o recolheu em sua casa, e hoje deve entregá-lo na Associação Protectora dos Animais. Esta a história de um cão que caiu ao poço...

(De «O Primeiro de Janeiro» de 4-5-971)

Em Melgaço é diferente!

Um cão que esteve num poço durante oito dias e foi salvo pelos Bombeiros

Na Rua de António Simões, em Pedrouços, Águas Santas, Maia, os moradores das proximidades de um poço ali existente deram ontem conta duns latidos, aflitivos, de um cão qualquer.

Foram indagando até que verificaram que se tratava de um cão que se encontrava caído no fundo do poço, poisado sobre uma pedra, o que evitava que o canídeo permanecesse na água. «Há que salvar o pobre animal» — logo pensaram. «Já está ali há oito dias» — disseram os moradores que de há muito já lhe ouviam os latidos. Foram então reclamados os Bombeiros Voluntários da Areosa, que ali compareceram com material. Foi o bombeiro n.º 45, sr. António Vieira da Silva, que desceu ao fundo, lançou ao animal um cabo de salvamento e uma espia, e auxiliado pelos seus colegas n.ºs 25 e 14, conseguiu retirar o cão, a salvo, para o exterior. Uma vez cá fora, verificaram que o animal só tinha pele e ossos, devido à fome que havia passado durante tanto tempo. Mal se segurava nas pernas, e a latir já mal se ouvia, tanta era a sua fraqueza. Bobi, Joli, ou dique, cão sem nome, e sem dono, conseguiu salvar-se de morte certa, não por afoga-

VENDE-SE

CÃO PERDIGUEIRO — Navarro legítimo, devidamente legalizado. Dá pelo nome de

«EBREU»

É Cabeçudo, Beicudo, Orelhudo e Lamberdor.

Motivo da sua venda, por se tornar vadio.

Tratar com JAIME SALGADO

MELGAÇO